

SOBRE ANOTAÇÕES SOBRE LEITURA E NONSENSE¹

Lúcia K. X. BASTOS
(IEL/UNICAMP)

RESUMO *Na tese, resumida aqui, discuto a construção do sentido na leitura através de sua falta mostrando ainda como o nonsense está calcado na forma lingüística. Concluo que o sentido de um texto, resultado de sua leitura, é resultado do trabalho que faz o leitor. Lendo, esse leitor circula dentro de um universo de leituras possíveis, dentre as quais encontra-se a leitura-nonsense.*

SUMMARY *This work presents a discussion of an alternative approach to the construction of meaning in reading through the use of nonsense, or lack of meaning. The investigation probes the nature of what is being denied and the interactive of relationship between the text and the reader in the struggle to establish meaning. The thesis identifies a dialectical relationship between sense and nonsense and argues that the existence of nonsense is critical to the definition of sense, as it establishes the edges, or limits of meaning.*

O que fiz, para os propósitos de minhas anotações, foi tomar, no conjunto das construções sem sentido, o nonsense, noção do campo da literatura para a análise de uma leitura. O que está em discussão é a construção do sentido na leitura, discussão possibilitada, na tese, por uma das maneiras de estudá-lo: perseguir justamente a sua falta. Pode-se dizer que o nonsense é essencial à definição do sentido porque constitui a sua margem, o seu limite. Não haveria como definir um sem o outro: só se sabe o que é o sentido ao esbarrarmos em seus limites. Para que haja o nonsense é preciso que haja o sentido, mesmo que seja o sentido paradoxalmente posto em questão. Para que haja o que não é nonsense é preciso que haja, em algum lugar, o que é. O nonsense sempre se refere a um sentido ao qual não podemos nos reportar, não podemos recorrer. A investigação se dá, então, na natureza do que é negado e o que está proposto é uma possibilidade de leitura nonsense. O que há, ao longo do trabalho, são anotações sobre leitura e sobre nonsense. Anotações de que natureza?

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 19/09/97, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre.

NONSENSE

É necessário precisar ao máximo o conceito de nonsense, conceito usado na análise, como já disse, de uma leitura. O que é o nonsense? Já foi definido como uma violência contra a semântica ou, em vez de ausência, excesso de sentido. Em obras de referência aparece como “fala ou escrita sem significado”, “comportamento tolo”², “aquilo que não é o senso, palavras ditas ou escritas que não fazem sentido ou que portam idéias absurdas; também ação absurda ou sem sentido.”³ Resumidamente: ora vem definido pela falta de sentido na fala, na escrita ou mesmo no comportamento de maneira geral, ora como manifestação literária. Trata-se de um rompimento com a ordem lógica, ordem que conhecemos, para que se estabeleça uma outra que é a da oposição, do desafio ao senso, lúdica, aleatória, livre da carga do sentido. Trata-se de apontar regras sem desconsiderá-las: abandonamos formalmente a regra, o gramatical, mas ainda estamos na língua. Há transgressões mas não completamente arbitrárias. Assim é que o nonsense não é o caos. Não se pode pensar que o que está na língua seria a ordem e que além dela há a desordem: a ordem na língua é sempre parcial e a desordem além de suas fronteiras não é total.⁴

A recorrência a alguns exemplos tornaria a definição mais clara. Há um poema (Anyone lived in a pretty how town), de e.e. cummings que começa He sang his didn'ts: o efeito de um verbo se colocar no lugar de um nome é, digamos, inominável, muito maior que a regra violada. O mesmo se dá em a grief ago, de um poema de Dylan Thomas, que soa como a year ago: não se prevê, na gramática inglesa, que um estado de espírito componha uma locução de tempo⁵. Tempo e lugar trocam de lugar: “Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela. Não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso”; ou ainda: “... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos”, de Machado de Assis.

Posso apresentar ainda desde

1) frases que são aparentemente perfeitas como o exemplo com que Chomsky discute a relação entre a sintaxe e a semântica - colorless green ideas sleep furiously, ou, de Lewis Carroll, em Sylvie and Bruno concluded:

“(...)” Espero que você goste do jantar - tal como está e que você não se importe com o calor - tal como não está. “A frase soou bem, mas, de certo modo, não pude entendê-la totalmente (...);”

2) exemplos em que se atribui significados bastante particulares às palavras:

“(...) There's glory for you.”

² Longman Dictionary of English Language and Culture.

³ Oxford English Dictionary.

⁴ Cf. LECERCLE, J. - J. Intuitions Linguistiques. IN: *Europe. Revue Littéraire Mensuelle*, Lewis Carroll. Août/Septembre. 1990. 68^o année. n^o 736-7. Paris, Messidor. p. 57.

⁵ Cf. FARB, P. *Word Play. What happens when people talk*. New York. Bantam Books. 1976, p. 137-9, para uma análise detalhada dessas transgressões gramaticais, bem como para uma análise do Jabberwocky (p. 315-6), que mostra a maneira como o poema encanta e espanta Alice, preservando estruturas gramaticais inteiras, intactas, fazendo variar, por exemplo, as regras de formação de palavras.

I don't know what you mean by "glory", Alice said.

Humpty Dumpty Smiled contemptuously.

"Of course you don't - till I tell you."

I meant "there is a nice knock - down argument for you".

"But glory doesn't mean 'a nice knock-down argument'". Alice objected.

"When I use a word", Humpty Dumpty said in a rather scornful tone,

"it means just what I choose it to mean - neither more nor less."

"The question is", said Alice, "Whether you can make words mean so many different things."

"The question is, said Humpty Dumpty,"

"Wich is to be master - that's all."⁶;

3) exemplos em que mais do que a gramática das expressões, o que está em jogo, o que é inesperado, são mundos e situações, enfim, a própria coerência, e o comportamento é, então, aleatório:

a) de Manoel de Barros, no Livro sobre o nada:

"A voz do meu avô arfa. Estava com um livro debaixo dos olhos. Vô! O livro está de cabeça para baixo. Estou deslendo!"

b) a Rainha Branca, em Alice, que grita antes de ter espetado o dedo, ou mesmo o Outro Professor que explica "que a ação dos nervos é lenta em algumas pessoas":

"(...) I had a friend, once, that if you burnt him with a red-hot poker, it would take years and years before he felt it!"

"And if you only pinched him?" queried Sylvie.

"Then it would take even so much longer, of course. In fact, I doubt if the man himself would ever feel it, at all. His grandchildren might."⁷

até vários exemplos das confusões e mal-entendidos provocados por certas analogias entre as formas de expressão:

a) há vários exemplos desta natureza num texto de George Pitcher chamado "Wittgenstein, nonsense e, Lewis Carroll". Pitcher vai mostrando como Lewis Carroll explora essas semelhanças e diferenças que nos iludem e cita, entre várias outras coisas, dos dois autores em questão, trechos que mostram formas de expressar - o tempo, ninguém, agora e hoje (entre outros) - responsáveis pelos mal-entendidos. Enquanto Wittgenstein propõe que imaginemos uma língua em que fosse possível dizer "Encontrei

⁶ CARROLL, L. Alice's Adventures in Wonderland. In: *The Complete Illustrated Works of Lewis Carroll*. London, Chancellor Press, 1989, p.184. [" (...) Eis a glória para você. /- Não sei bem o que o senhor entende por "glória" - disse Alice. /umpty Dumpty sorriu com desdém. - Claro que você não sabe, até eu lhe dizer. O que quero dizer é: "eis aí um argumento arrasador para você."/ - Mas "glória" não significa "um argumento arrasador"objetou Alice. /-Quando uso uma palavra - disse Humpty Dumpty em tom escarinho - ela significa exatamente aquilo que eu quero que o senhor signifique... nem mais nem menos. / - A questão - ponderou Alice - é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes. /- A questão - replicou Humpty Dumpty - é saber quem é que manda. É isso. (Trad. de Sebastião Uchôa Leite.)]

⁷ CARROLL, L. Sylvie and Bruno. In: *The Complete Illustrated Works of Lewis Carroll*. London, Chancellor Press, 1989. p.324. ["Uma vez eu tive um amigo que, se você o queimasse com um ferro em brasa, levaria anos até que ele sentisse alguma coisa. /'E se você só o beliscasse?" Silvie perguntou. /'Aí é que levaria mais tempo ainda, é claro. Na verdade, duvido que ele mesmo sentisse o beliscão realmente. Seus netos provavelmente sim."]

o Sr. Ninguém na sala” e preocupa-se com “os problemas filosóficos que surgiriam de uma convenção como essa, embora não seja exatamente uma convenção, essa possibilidade ocorre na conversa entre Alice, o Rei e o mensageiro, no capítulo O Leão e o Unicórnio:

“(…) Just look along the road, and tell me if you can see either of them.”

“I see nobody on the road,” said Alice.

“I only wish I had such eyes,” the king remarked in a fretful tone. “To be able to see Nobody! And at that distance too! Why, it’s as much as I can do to see real people, by this light!”⁸

b) de Gil Vicente, na Farsa da Lusitânia:

Entra Todo-o-Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma coisa que se lhe perdeu. E logo após ele um homem vestido como pobre. Este se chama Ninguém, e diz

Ninguém:

ninguém Que andas tu i buscando?

todo-o-mundo Mil cousas ando a buscar:

delas não posso achar,
porém, ando perfiando,
por quão bom é perfiar.

ninguém Como hás nome, cavaleiro?

todo-o-mundo Eu hei nome Todo-Mundo,

e meu tempo todo inteiro,
sempre é buscar dinheiro,
e sempre nisto me fundo.

ninguém E eu hei nome Ninguém,

e busco a consciência.

berzabu Esta é boa experiência:

Dinato, escreve isto bem.

dinato Que escreverei, companheiro?

berzabu Que Ninguém busca consciência,

e Todo-Mundo dinheiro. (...) ⁹

c) de Jonathan Swift, em I Walk before no man (composed while asleep)

I Walk before no man, a hawk in his fist;

Now am I brilhant, Wherever I iss.

d) e Ulisses já se valera desse mesmo jogo de possibilidade/impossibilidade de ocorrência de ninguém para se livrar do gigante Polifemo. Respondendo ao ciclope que perguntara seu nome, diz:

⁸ CARROLL, L. Through the Looking Glass. In: *The Complete Illustrated Works of Lewis Carroll*. London, Chancelor Press, 1989. p. 192. [“(…) Dê uma olhada na estrada e veja se pode avistar algum deles. /- Ninguém está vindo na estrada - disse Alice. /-Ah, só queria ter olhos assim - observou o Rei, em tom rabugento. - Capazes de ver Ninguém! E a tal distância! Ora, o máximo que consigo é ver alguém de verdade.” (Trad. de Sebastião Uchôa Leite.)]

⁹ referência.

“(…) Meu nome é Ninguém. Minha mãe, meu pai, todos os meus companheiros me chamam Ninguém.” O gigante: “Ninguém, serás o último a ser comido, depois de seus companheiros (…)”. Depois de várias peripécias, Ulisses fura o olho do gigante com uma estaca de oliveira incandescente. Chama os outros ciclopes que querem saber: “Que dor te oprime, Polifemo, e por que, em plena noite imortal, assim gritaste, a ponto de nos acordar? Será que um mortal, mau grado teu, te arrebatou os rebanhos? Ou tentam matar-te por astúcia ou por violência?”¹⁰ O diálogo que se segue entre Polifemo e os outros ciclopes salva Ulisses e seus companheiros, posto que os ciclopes vão embora, concluindo que ninguém molestava Polifemo: “Amigos. Ninguém me está matando por astúcia (…)”. “(…) Se Ninguém te violenta e se estás só, quer dizer então que o grande Zeus te envia uma doença inevitável. (...)”.

Concluindo: se o nonsense se dá paradoxalmente porque por um lado tentamos interpretações plausíveis para tudo, porque tentamos manter analogias, porque esperamos encontrar um sentido; por outro, ir contra o sentido é algo como uma tentação vertiginosa.

LEITURA

Além de anotações sobre nonsense, há no trabalho anotações sobre leitura.

Dentre os estudos que tratam esta questão encontra-se a mais variada gama de possibilidades de combinações do triângulo autor/leitor/texto. Posição interessante ocupa Sírio Possenti: para ele “a questão relevante, no caso da leitura, é certamente a que pergunta pela contribuição dos vários ingredientes, e não a que recoloca a questão da origem”¹¹. Radical na consideração do texto como elemento mais relevante na relação de forças que é a leitura, sua posição, no entanto, abre caminho para que eu possa identificar no material lingüístico dos textos analisados em meu trabalho uma das maneiras do nonsense se instaurar. Para que admitamos a possibilidade de uma leitura nonsense, para que admitamos um momento em que a leitura feita já ultrapassou os limites permitidos pelo texto, ou uma leitura que está fora do universo de leituras possíveis daquele texto, é preciso encarar os elementos textuais como de grande relevância neste processo. Mas é preciso também dar serviço ao leitor: é ele quem, com base no elemento textual, faz a leitura de que é capaz, reelabora, a partir de referencial próprio. Muitas vezes, com base neste referencial, o que se dá é uma perda de referência, ou, em termos de Bakhtin, afastamentos do que seria o tema do discurso.

A melhor definição da caminhada do leitor para este e para outros casos, nos dá também Bakhtin, com o conceito de contra-palavra. A contra-palavra é o próprio espaço de elaboração de construção dos sentidos. O processo de compreensão dos enunciados é, além de ativo, responsivo. “Compreender”, diz Bakhtin, “é opor à palavra do locutor

¹⁰ Homero. *Odisséia*. Itr. e Notas de Méderic Dufour e Jean Raison. Trad. de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo, Abril, 1981. p. 87.

¹¹ POSSENTI, S. Ainda a Leitura Errada. In: *Estudos Lingüísticos: Anais de Seminários do GEL XX*. Franca, Unifran/Prefeitura Municipal de Franca/GEL, 1991 p. 717.

uma contra-palavra”¹², “é orientar-se em relação a uma enunciação, fazendo corresponder”, “a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, (...) uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão”¹³. “Nossa réplica no processo de compreensão da enunciação alheia, as contra-palavras que cada uma das palavras do outro suscita em nós busca o tema do discurso. Posto assim, o tema é a noção de que preciso: distinto da significação que é apenas potencial, o tema é concreto: “(...) a significação não quer dizer nada em si mesma (...) é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto”¹⁴.

LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: A ANÁLISE FEITA

Os dados trabalhados são de leitura em língua estrangeira, fato que torna mais evidente, portanto mais fácil de ser seguido, o caminho do leitor conduzido pelas marcas lingüísticas.

Ao se falar de leitura em língua estrangeira deve-se mencionar a importância especial do trabalho de decodificação do texto ressaltando-se o fato de que se trata na realidade muito mais de decifrar do que propriamente de decodificar. Decifrar é ler, explicar ou interpretar; é compreender, revelar e é também, atenção, adivinhar!¹⁵

Muitas vezes o trabalho do leitor se assemelha ao trabalho de decifração das línguas, que foi inclusive comparado a um tipo de história que soluciona seus enigmas pela reflexão, pela dedução lógica, racional, histórias denominadas por Edgar Allan Poe de Tales of Ratiocination.

Já foi dito que a “compreensão do material escrito é um problema tanto de língua como de leitura”¹⁶. Eu diria de outra forma: a leitura é tanto um problema de língua como um problema de compreensão do material escrito, aqui duplamente considerado: trata-se ora da leitura de material escrito/trechos em inglês, ora da leitura de material escrito/respostas a perguntas sobre esses textos em português.

Os textos analisados beiram o nonsense na leitura que se faz deles, ora por sua escrita, ora pela leitura que deixam entrever. Tornam-se nonsense na leitura que se faz deles e na relação que mantêm com as perguntas que os geraram. O nonsense se estabelece ainda pelos viés do desconhecimento da língua em que o texto que deveria ser lido vem escrito, no caso, a língua inglesa: por vezes são construções inteiras e por vezes são apenas palavras isoladas que por não serem identificadas, conhecidas, lidas

¹² BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1979. p. 118.

¹³ Id. *ibid.*, p. 117.

¹⁴ Id. *ibid.*, p. 117.

¹⁵ Posteriormente, entretanto, encontrei uma imagem, ou uma definição ainda melhor: na verdade, na escrita não há nada a *decifrar* e sim a *desembaraçar*: a estrutura corre (como corre o fio de um tecido - a escrita incessantemente coloca o significado para também incessantemente fazê-lo evaporar-se.)

¹⁶ BRAGA, D.B. & BUSNARDO, J. Metacognition and Foreign Language Reading Fostering Awareness of Linguistic Form and Cognitive Process in the Teaching of Language Through Text. In: *Linguas Modernas* 20 (1993), 129-49. Universidad de Chile. p. 136.

ou, ao contrário, justamente por serem identificadas é que geram o nonsense. Como se o desconhecido pedisse para ser ludibriado e o conhecido atraísse, fazendo com que a leitura parta dele somente.

A análise feita baseia-se na busca de características particulares de trechos que indicariam a leitura feita de trechos outros. O nonsense se estabelece portanto na leitura que se faz dessas respostas. É aí que se cria uma expectativa em relação ao tema discursivo em questão, nos termos de Bakhtin, e que se vê, ao mesmo tempo, essa expectativa quebrada. Cada palavra colocada pelos autores dos trechos sob análise choca-se com nossa expectativa e, assim, a significação desses trechos torna-se nonsense. Isso se dá em maior ou em menor grau conforme a direção tomada pelos autores e é justamente o estabelecimento dessa gradação que expõe o caminho do leitor.

Há trechos que podem até ser considerados pares de trechos de Lewis Carroll quando estabelecem mundos em que os fatos mais banais da natureza são ignorados e em que as pessoas agem de maneira estranhíssima. Além desses, encontrei:

a) trechos em que o texto-resposta tem um sentido em si, mas é nonsense se confrontado com o texto lido em inglês e

b) trechos em que:

- a identificação equivocada de itens lexicais determina o tema discursivo;
- impera o emprego de um tipo de linguagem determinado pela apreensão do tema discursivo;
- impera o desafio aos limites gramaticais;
- uma contradição é enunciada.

PARA TERMINAR

Duas perguntas, com respostas, para terminar. A primeira delas nos leva também aos objetivos do trabalho:

Qual é a questão posta aqui? Posso dizer, de maneira sucinta, que é a questão do sentido, tomada pelo avesso, através da consideração do universo de leituras autorizadas por um texto para/por seu leitor.

E qual seria afinal a contribuição teórica dessas anotações? A contribuição, eu diria, reside na inclusão, nas considerações acerca da leitura, da incompreensão. Estão no nível da compreensão algumas leituras possíveis, as que não estão excluídas, mas que, pelo contrário, são autorizadas pelo texto. Está no nível da incompreensão alguma leitura que porventura se faça impossível, como várias das analisadas.